

5

Conclusão

“Pois tendo aprendido algo, jamais neguei, fazendo o conhecimento ser como uma descoberta minha; mas louvo como sábio o que me instruiu, tornando públicas as coisas que aprendi com ele”⁵⁷⁰.

“Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei”⁵⁷¹.

Tzvetan Todorov assegura que a literatura pode muito⁵⁷². E tem um papel vital a cumprir. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Em se tratando do texto bíblico, potencializa-se a assertiva de Todorov. E ele continua, peremptoriamente: “não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro”⁵⁷³.

Creemos que o modo como o autor de Atos dos Apóstolos constrói Barnabé encaixa-se perfeitamente no que acabamos de citar. Olhando para nosso ‘herói’, e guiado pelo *leitor implícito*, o ouvinte-leitor se vê, seja ele do século I ou do século XXI. E tem a possibilidade de imitar o modelo de *homem de bem* que recebe pela audiência ou pela leitura, ou de influenciar positivamente a sua comunidade, *refigurando o mundo do texto configurado* a que teve acesso.

Viu-se que, como Pátroclo, o companheiro quase desconhecido de Aquiles, entretanto imprescindível para o desenvolvimento e fechamento da trama na *Iliada* de Homero, Barnabé é um personagem que surge e se insurge na *tessitura* do relato de Atos dos Apóstolos, como, primeiro, mentor de Paulo, para depois lhe ser companheiro. A narrativa acerca e no entorno de Barnabé aponta ao leitor o valor da generosidade, do desprendimento e da abertura ao outro na gênese da Igreja nascente, na comunidade primitiva em suas venturas e desventuras.

⁵⁷⁰ Platão, *Hippias Menor*, 372 c 5-8.

⁵⁷¹ 1 Coríntios 11,23.

⁵⁷² TODOROV, 2010, p.76.

⁵⁷³ TODOROV, 2010, p.77.

Literariamente, assim como Homero e Platão, o autor de Atos é assaz antropológico, e faz questão de construir um registro histórico de seu momento vivido, segundo as regras *luciânicas* de *como se deve fazer história*, apresentando-nos um ‘herói’, um *anér agathós*, um homem bom. Eis o que βαρναβᾶς, *o filho da consolação* ou *do profeta*, ou ambos, abarca. Através do que se escreve a seu respeito, como se quis apontar nesta pesquisa, Barnabé é modelo comunicativo de pura bondade que nos fala sintática, semântica e pragmaticamente.

Puro heroísmo. O texto que analisamos exegeticamente no terceiro capítulo é a chave de leitura para o entendimento de todo o trabalho em torno da generosidade do personagem Barnabé no livro de Atos dos Apóstolos. Assim também a construção de sua imagem como um modelo literário que foi recebido por um autor que conhece a literatura grega desde Homero e sua antropologia. Entenda-se, aqui, o vocábulo ‘recebido’ dentro dos conceitos *iserianos* de recepção e efeito.

A proposta de trabalhar Barnabé via Homero e Platão abre a possibilidade de novas perspectivas em trabalhos interdisciplinares em que conste o estudo bíblico-teológico unido à literatura e à história, mormente, valorizando a ênfase comparativa de obras literárias e historiográficas. Deste modo, enfocamos, nesta pesquisa, a nuance comparativa que apontou similitudes entre a construção narrativa: 1) do guerreiro homérico na *Iliada*, tendo como modelo Pátroclo; 2) do homem ideal da *polis* clássica em sua formação, tendo como modelos o guardião e o rei-filósofo da *República*.

Com isto, procurou-se demonstrar dois modelos fundamentais da literatura grega pré-clássica (Homero) e clássica (Platão) que constituem a força da obra literária lucana ao construir Barnabé, utilizando-se do que denominamos ‘o modo de narrar grego em atos dos Apóstolos’. E que, de certa maneira, surge como um contributo à pesquisa que desde sempre atribui os livros de Lucas-Atos a um escritor grego ou, pelo menos, de vasta cultura e domínio da língua grega.

Não só no âmbito literário ou estrutural das proposições percebeu-se a influência deste ‘modo de narrar grego’. Como vimos, certas construções sintáticas fazem parte apenas da obra lucana, como o uso de determinados síndetos na coesão das orações, bem como a elaboração de textos em que se encontram elementos semânticos importantes, como a utilização de sinônimos e

de epítetos, por exemplo. Nesse sentido, a perícopé estudada, Atos 4,32–5,11, apresentou riqueza de ocorrências.

Quanto às similitudes do livro de Atos com o modo de narrar grego no período helenístico, discorreremos a respeito das aproximações com o texto d'*A Carta de Aristeas*, um exemplo paradigmático de relato em que se manifestam claramente as interações culturais greco-judaicas, já que se constitui numa literatura propagandística judaica a respeito da *tradução dos Setenta* (LXX), escrita respeitando os caracteres da historiografia grega, assim como também pudemos encontrar em Políbio, Cícero e Dioniso de Halicarnasso.

As linhas que se foram percorrendo até aqui procuram – ou tentam – responder ao primeiro questionamento que embasou esta pesquisa acerca da importância de Barnabé, companheiro de Paulo, na *tessitura* do livro de Atos dos Apóstolos. Buscou-se um companheiro, encontrou-se um *homem bom*, um modelo que o *leitor implícito* de Lucas esperava encontrar nas narrativas do Antigo Testamento como lições e exemplos para se viver como povo de Deus e estaria alerta deste uso das narrativas feitas em Atos⁵⁷⁴.

O segundo questionamento: ‘como seria o ministério de Paulo se Barnabé não estivesse lá?’ foi ganhando uma série de elementos para constituir uma resposta a partir da pesquisa. Elementos que saltaram do texto em uma leitura mais atenta, sem forçá-lo nem *superinterpretá-lo*, conforme o conselho de Umberto Eco⁵⁷⁵. Não por acaso os registros iniciais da amizade dos primeiros missionários aos gentios é assinalada como *Barnabé e Paulo*, respeitando a influência positiva do primeiro sobre o segundo. Daquele que, como afirma Carlo Maria Martini⁵⁷⁶, literalmente pegou Paulo pela mão, ajudando-o e apoiando-o no início de seu ministério, sendo amigo, pai espiritual, mestre do apostolado e acolhendo-o sem reservas.

Queremos denominar estas linhas derradeiras como ‘uma conclusão para não concluir’. Assim, fazendo uso de uma contradição, poderíamos designar o término desta primeira pesquisa que aponta para novos rumos, em uma infinidade de pressupostos e posturas acerca da construção narrativa do personagem Barnabé como modelo literário de uma mensagem comunicativa e de tudo que,

⁵⁷⁴ KURZ, 1991, p.184.

⁵⁷⁵ ECO, 1993.

⁵⁷⁶ MARTINI, 2000, p.64.

paideticamente, tem a nos revelar. De modo algum esqueceu-se de Paulo ao delinear cada capítulo, quiçá cada linha. Pelo contrário, vê-se muito mais claramente agora a figura paulina via Barnabé. Primeiro desafio a uma nova pesquisa.

Um segundo desafio seria perceber Paulo em suas peripécias literárias criadas pelo autor de Atos dos Apóstolos como uma releitura do Odisseu homérico. Assim como apontamos no segundo capítulo deste trabalho, os vários *tropoi* pelos quais Paulo passa e as formas como deles se desvencilha não surpreenderiam a uma comunidade ouvinte-leitora que conhecesse as aventuras do herói da *Odisseia* e facilitaria muito a memorização dos episódios vividos pelo apóstolo dos gentios.

Voltando à tese de Todorov sobre a força da literatura, pensamos tanto no autor de Atos, quanto em tudo que foi dito até então neste trabalho que tentou unir Teologia, Literatura e História. O filósofo e linguista búlgaro nos conta que o escritor não faz a imposição de uma tese, ao dar forma a um objeto, a um acontecimento ou a um caráter, como enfatizamos em Barnabé. Porém, incita o leitor a formular esta tese: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o instiga a se tornar mais ativo⁵⁷⁷. Dizendo isso, Todorov corrobora as posturas de Iser e de Bakhtin, como apontamos no quadro teórico-metodológico.

Continua Todorov com seu discurso que, para nós, só faz remeter a todo o trabalho feito a partir desta pesquisa, metodologicamente no capítulo primeiro, historicamente no segundo e exegeticamente no terceiro. Ensina-nos que a obra literária – e reafirmamos que o texto bíblico principalmente – produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial⁵⁷⁸. É exatamente assim que nos sentimos, persuadidos pelo texto lucano a cada novo olhar.

Barnabé. Generosidade absoluta. Abertura irrestrita ao outro. Modelo positivo digno de imitação. Eis o resumo sucinto e simples deste personagem, após todo o trabalho exegético, hermenêutico, teológico, histórico, linguístico e literário dedicado a esta pesquisa. Que a força de sua presença, e que a presença

⁵⁷⁷ TODOROV, 2010, p.78.

⁵⁷⁸ TODOROV, 2010, p.78.

de sua força, descobertas no intercurso do livro de Atos dos Apóstolos, entre as narrativas de Pedro e de Paulo, ensinem-nos e auxiliem-nos em nossa prática diária. Generosamente.